



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração dos 100 anos do nascimento de Josué de
Castro**

Recife-PE, 05 de setembro de 2008

Primeiro, vocês devem bater palmas para os companheiros Eduardo Campos e João Paulo, que retiraram a palavra, porque num ato em que a gente está comemorando os 100 anos de nascimento do Josué de Castro, a gente lembra de fome, lembra de luta. E às 3 horas da tarde, 3 e meia, sem ninguém ter almoçado ainda, penso que merecia um protesto. Pensava que vocês iam levantar e começar a gritar: “Pára, pára, pára”, para a gente poder ir embora.

Mas, meus queridos companheiros,
Governador,
Prefeito,
Companheiros ministros,
Meus companheiros convidados para este ato pelo Consea,
Nossa querida Ana Maria Castro,
Meus caros companheiros deputados,

Este gesto que o Consea resolveu fazer, de promoção de Josué de Castro, é uma coisa que penso que todos nós deveríamos aprender a fazer. Eu disse na UNE, quando fomos assinar o documento de recuperação do prédio da UNE: primeiro, muitas vezes ficamos chorando por companheiros nossos que morreram em batalhas, em enfrentamentos a regimes autoritários... Quando a gente fica lamentando, apenas reclamando de quem praticou a violência, a gente satisfaz quem praticou a violência. A grande vingança é transformar a vítima em personalidade maior do que aquele que praticou o



assassinato.

Muitas vezes nem lembramos dos companheiros que foram perseguidos ao longo da história política do nosso país, porque nos preocupamos tanto em criticar quem praticou os atos arbitrários, que esquecemos de valorizar aqueles que foram heróis, que lutaram, que foram presos, exilados e que morreram acreditando numa causa. Estes são heróis, mas nós, muitas vezes, nos esquecemos deles e ficamos xingando os outros. Querem xingar, xinguem, mas vamos valorizar as nossas pessoas.

Estou na vida política há mais de 30 anos, e é o primeiro ato importante, com a presença de muitas personalidades, que a gente faz para homenagear o nosso querido Josué de Castro, que há mais de 60 anos levantava essa questão da fome e da miséria. Se a gente aprender a fazer isso mais vezes, quem sabe a gente vai criando novos heróis no País.

Esta multidão de gente aqui, se eu perguntar para vocês: me dêem um herói brasileiro. Vocês vão falar: Tiradentes. Porque, na verdade, não cultuamos isso, não trabalhamos essas coisas direito. Então, a gente só lembra de Tiradentes.

Apenas para um lembrete da importância deste gesto, Renato: este gesto é muito forte, porque estamos aqui recuperando, para pessoas que nem conheciam muito quem era Josué de Castro, a importância que ele teve quando, antes de qualquer um de nós pensar em falar em fome, ele já dizia que era preciso criar uma política de renda mínima, pela qual o Suplicy tanto briga hoje, para garantir que todos tivessem direito de comer e sobreviver.

Se esses atos forem repetidos muitas vezes, a gente vai criando uma consciência política mais favorável àqueles que foram vítimas, senão eles terminam caindo no esquecimento.

Primeiro, parabéns, querido. A segunda coisa, meus companheiros e companheiras, não se assustem, que não vou ler. Eu mesmo já percebi que está muito grande e, também, porque muitas coisas que estão escritas no meu



discurso já foram ditas aqui. Eu poderia até repetir durante o improviso mas, lendo, seria uma chatice imensa repetir as coisas que já foram ditas aqui.

Quero dizer a vocês que nós estamos vivendo um momento no Brasil em que as coisas agora podem acontecer com muito mais facilidade. Parece que faz muito tempo que a gente está no governo. Certamente, a oposição está cansada e, certamente, alguns dos nossos acham que começamos hoje. A verdade é que se vocês olharem o tempo em que estamos no governo, vão perceber que em 2003, o primeiro ano de mandato, tivemos que fazer um sacrifício imenso. Talvez o maior ajuste fiscal que este país já conheceu foi feito no meu governo. E foi feito no meu governo porque eu tinha muito capital político e era preciso, no momento de fazer o ajuste, ter coragem de trocar o capital político do primeiro ano pelo ajuste.

Em compensação, foi esse sacrifício imenso que fizemos em 2003 que permitiu que a gente tivesse um crescimento econômico, em 2004, de 5,8% no PIB, o maior depois de muitas décadas. Por conta do sucesso do ajuste fiscal e do crescimento em 2004, a direita - que muitas vezes ensina a esquerda a fazer política, porque nós somos muito mais democráticos, somos muito mais palatáveis, e eles são mais nervosos, ficam mais irritados, são mais agressivos, às vezes falam muito mais inverdades e difamações do que a esquerda - em 2005 foi para cima do governo para não permitir que conseguíssemos ter um segundo ano de qualidade na administração. Quem está aqui sabe o que passamos em 2005. Eles chegaram à conclusão, meu caro Armando Monteiro, de que nós tínhamos acabado.

Eu me lembro de um jantar de um conjunto de pessoas, gente importante, que depois de um jantar comigo - eu estava muito otimista, falando da reeleição - uma pessoa falou assim para outra: "Puxa vida, mas o Lula está otimista, depois de apanhar tanto". Uma outra pessoa - eu já tinha saído da mesa - falou assim: "Isso é fingimento dele, ele não vai ter nem coragem de



colocar a candidatura dele, ele está acabado para a política neste país, ele está derrotado”.

O que nós fizemos, de novidade? Voltamos para a rua para conversar com o povo sobre o que estava acontecendo e, em 2006, nós nos reelegemos. E foi importante que tenha tido um segundo turno, foi muito importante que tenha tido aquele segundo turno, para a gente fazer um debate mais ideológico, um debate mais de idéias, para as coisas ficarem mais ou menos assentadas.

Vocês estão percebendo que, se nos primeiros quatro anos trabalhamos com muita dificuldade para consertar o País, hoje estamos remando com muito mais rapidez. As coisas estão fluindo com muito mais facilidade. Todo mundo aprendeu, as coisas acontecem com mais facilidade, aparecem mais dinheiro e mais projetos. Por exemplo, aconteceu a crise de alimentos, que causou uma inflação internacional: inflação na China, no Chile, na Índia, na Alemanha, nos Estados Unidos, em tudo quanto é lugar a inflação subiu muito. Todo mundo começou a ficar preocupado.

Qual foi a decisão que tomamos em menos de 30 dias? Construir um programa chamado Mais Alimentos. O que é o programa Mais Alimentos? Tomamos a decisão de financiar pelo BNDES, até 2010, 60 mil tratores e 300 mil implementos agrícolas para a agricultura familiar brasileira, para que a gente possa levar o avanço tecnológico para a agricultura não ficar apenas como no começo do século passado, tratando da agricultura de subsistência, quando se plantava uma macaxeirinha para comer, um milhozinho para comer. Não. Queremos que a pessoa plante em escala, possa ter tudo o que tiver para comer, possa ter mais para vender e possa ter dinheiro para começar a comprar coisas para levar para casa. É isso o que queremos.

Hoje a situação está permitindo que a gente possa criar um programa como o Territórios da Cidadania. O Territórios da Cidadania... Vou dizer para vocês uma coisa: milito desde 1969 no movimento sindical, portanto, já vou



para 40 anos. Já participei de todos os movimentos sociais neste país. Nunca conheci um programa tão perfeito como o Territórios da Cidadania. Se a gente conseguir implementar o Territórios da Cidadania, se a gente conseguir consolidar a participação da sociedade, a participação dos prefeitos, e a gente conseguir colher aquilo que está plantando no programa, estaremos fazendo uma pequena grande revolução nos hábitos da sociedade brasileira nos 1.200 municípios mais pobres do nosso país.

A terceira coisa que acho fundamental, e certamente outros companheiros pensaram nisso antes de nós, é que estamos conseguindo consolidar uma política de crédito a ponto de os bancos começarem a entender que os pobres também têm direito a ter acesso aos créditos. O crédito consignado começou há 3 anos e já tem quase R\$ 80 bilhões emprestados. Dilma, você que ainda não sabe se é mineira ou gaúcha, deixa eu lhe contar: aqui, nós, nordestinos, vimos que o BNB, o grande Banco do Nordeste, em dezembro de 2002, só tinha 260 milhões de crédito emprestado neste país. Este ano, meu caro Armando Monteiro, vai terminar com mais de 13 bilhões de dólares emprestados e com muito pequeno crédito.

Tudo isso vai possibilitar que a gente possa dizer no próximo encontro do Consea, ao falar de Josué de Castro: Josué de Castro, valeu a pena você morrer pelo que você acreditou porque graças à sua coragem, à sua bravura e à sua determinação, você mexeu com mentes e consciências, permitiu que depois de tanto tempo surgissem todos vocês participando do Consea, surgisse um Ministério de Combate à Fome. Tanta gente importante no Brasil, preocupada com as mesmas coisas com que Josué era preocupado, fazendo as mesmas coisas que ele tentava fazer, mas em um momento de liberdade quase único neste país, porque estamos vivendo o maior período de liberdade deste país, com a Constituição Cidadã, de 1988.

Meus companheiros, só posso dizer aos companheiros que vieram participar deste encontro do Consea que estejam certos de que, daqui para a



frente, só teremos que avançar. Não tem como retroceder, é só avançar. Para que a gente possa... Ao terminar o nosso mandato em 2010, que a gente tenha uma fotografia do Brasil como um todo, uma fotografia mais justa para a grande maioria do povo brasileiro.

Espero que a gente possa, depois do PAC, comer um caranguejinho, sem precisar estar comendo dejeto de quem está comendo o caranguejinho.

Um abraço e que Deus abençoe todos nós.

(\$211A)